



GAZETA DO POVO

ECONOMIA

Terça-feira, 12/08/2008

MERCADO DE TRABALHO

Expansão do emprego formal “engorda” a classe média

Entre 2002 e 2008, a participação da classe C na população economicamente ativa cresceu de 44% para 52%, enquanto a proporção de “remediados” e miseráveis recuou de 43% para 33%

Publicado em 06/08/2008 | [FERNANDO JASPER, COM AGÊNCIAS](#)

O forte crescimento do emprego com carteira assinada é o grande responsável pela expansão da classe média nos últimos seis anos. A influência positiva do mercado de trabalho supera, inclusive, a de programas de transferência de renda como o Bolsa Família. A conclusão é de uma pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV). De acordo com o estudo, a fatia da classe C na população economicamente ativa (PEA), que até o início da década era semelhante à soma das classes D e E, passou de 44% em abril de 2002 para quase 52% em abril deste ano. Nesse mesmo intervalo, a proporção de “remediados” e “miseráveis” – termos usados pela pesquisa para definir integrantes das classes D e E – recuou 10 pontos percentuais, caindo para cerca de 33%, enquanto a fatia da “elite” (classes A e B) subiu de 13% para pouco mais de 15% da PEA.

O estudo definiu como classe média a ampla faixa da população que tem renda domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 por mês. A pesquisa cruzou dados do Ministério do Trabalho e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes às seis principais regiões metropolitanas do país – a Grande Curitiba não foi incluída.

Ascensão é a maior em cinco anos

Os quatro primeiros meses de 2008 foram os que apresentaram a maior migração de indivíduos de classes mais baixas rumo a faixas mais abastadas da população, em comparação com igual período dos cinco anos anteriores. A pesquisa do Ibre/FGV mostra que, até abril, 32,5% da população que começou o ano como “miserável” (classe E) havia subido para as classes D (16,5%), C (14,5%) e mesmo A/B (1,5%). No caso dos “remediados” (classe D), aproximadamente 45% mudaram de classe social, a maioria ascendendo à classe média (29,5%).

“Os dados de 2008 surpreendem, porque ocorrem em meio a uma crise internacional anunciada desde 2007. Houve continuidade de redução da miséria, como mostra o IBGE, e de aumento do

“O ingrediente fundamental deste crescimento do bolo, com mais fermento para os grupos pobres e nos últimos anos para a classe média, é a recuperação do mercado de trabalho”, diz o texto do pesquisador Marcelo Neri, responsável pelo estudo. Neri argumenta que, nos dois anos seguintes ao que chamou de “recessão de 2003”, o aumento de renda do trabalho foi tão importante quanto as transferências de programas sociais do governo federal para melhorar a renda da população. A partir do fim de 2006, o papel do trabalho, em particular do mercado formal, tem sido o fator mais relevante, segundo o pesquisador, que se mostra bastante otimista com o cenário atual, “apesar dos sinais de crise externa vindos dos Estados Unidos”.

emprego formal, segundo o Ministério do Trabalho”, disse, à Gazeta do Povo, o pesquisador Marcelo Neri, responsável pela pesquisa. “São dados notáveis, instigantes e surpreendentes, porque são tão bons quanto os dados de 2004, que havia sido um ano excepcional, até por conta da base fraca do ano anterior. Em 2008, por outro lado, o que se vê é a continuidade de uma tendência de melhora.”

O economista admite que, para quem está na classe média, a maior probabilidade continua sendo a de descer ao nível de remediados ou miseráveis, e não de subir para a chamada “elite”. No entanto, lembra o pesquisador, a chance atual de um indivíduo da classe média ascender para as classes A ou B é duas vezes maior do que era em 2003, ao passo que a probabilidade de “rebaixamento” se reduziu à metade. (FJ)

“A volta da carteira de trabalho talvez seja o elemento mais representativo do surgimento de uma nova classe média brasileira. Nesse contexto, as informações mais recentes são animadoras”, avalia Neri, referindo-se ao recorde de geração de empregos atingido em junho – foram 309 mil postos de trabalho formais no mês, que elevaram para pouco mais de 1,88 milhão o número de novos empregos nos últimos 12 meses. No primeiro semestre deste ano, o mercado formal criou 1,361 milhão de novas vagas, com alta de 24% sobre o mesmo período de 2007. A previsão é que esse número subirá para 2 milhões até o fim do ano.

Combinação inédita

Em entrevista coletiva no Rio de Janeiro, o economista destacou “uma clara redução nos índices de pobreza e de miséria no período entre 2002 e 2008”, já informada pelos institutos de pesquisa, como o próprio IBGE. “Estamos tendo uma boa safra de indicadores sociais nunca antes vista”, disse Neri. Segundo ele, o fato de o bolo crescer “com mais fermento para as classes mais pobres” por mais de cinco anos, conforme constatou a pesquisa, é “combinação inédita na história estatisticamente documentada brasileira”.

O pesquisador da FGV comentou, porém, que um dos pontos fracos delimitados pelo estudo é a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. “Se antes nós tínhamos uma crise de desemprego, hoje nós temos um apagão de mão-de-obra, em que não há profissionais qualificados.”